

Não existe “inclusão” na genealogia de Jesus: Jamais fomos excluídas

Maria Arlete da Silva Rego Dias

Sempre ouço sobre a genealogia de Jesus percebo uma mesma abordagem que fala sobre “a graça de Deus” em incluir mulheres no registro da ascendência do messias, e para deixar o discurso ainda mais poderoso, é acentuada a ideia de como essas referidas mulheres eram pecadoras ou indignas de tal honra.

Este discurso parece bonito e, inclusive, nos convence de que a tentativa é de exaltar a mulher, colocando-a em um momento da história muito importante para ser lembrada em seu momento de glória. Mas o que de fato está por trás deste discurso, além da boa vontade daqueles que o fazem, é a visão social construída pelo homem a respeito da mulher na qual, ao tentar enaltecê-la, acaba-se por fazer justamente o contrário, colocando-a como mera coadjuvante e o homem como o protagonista. Pior é o realce da tamanha indignidade ao se dizer: “mulheres... mesmo sendo prostitutas, adúlteras, gentias e rejeitadas, ainda assim foram incluídas ao lado dos homens na genealogia de Jesus”. Como veremos adiante, dentre esta galeria de notáveis também havia homens mal afamados.

A genealogia, conforme descrita nos evangelhos, é muito importante para dar legitimidade à pessoa de Jesus como o messias anunciado pelos profetas no A.T. Entende-se que enquanto o evangelho de Lucas registra a genealogia de Jesus a fim de mostrá-lo como o salvador prometido recua até Adão, o primeiro homem, para realçar a ascendência de Jesus, salvador de toda a humanidade, Mateus parte de Abraão, a quem Deus prometeu uma herança por meio do seu “descendente” que viria da sua descendência, o povo de Israel. Assim, é provável que a linhagem sanguínea real vinha da parte de Maria, não de José. Considerando não ser Jesus filho sanguíneo de José, justifica-se, assim, a necessidade do registro das duas genealogias, partindo de diferentes pontos.

Naturalmente, o propósito da genealogia não era mostrar que mulheres indignas foram agraciadas por terem seus nomes citados, mas sim homologar a Jesus o direito ao trono de Davi, além de apontar para a sua linhagem **humana**. Não era uma apologia de gênero A ou B. Mesmo assim, quatro mulheres são mencionadas. Duas gentias: Rute e Raabe, sendo esta, com as duas seguintes: Tamar e Bate-Seba, muito lembradas por suas manchas morais de prostitutas e adúltera, respectivamente. Curiosamente era Mateus, um mal afamado publicano, quem escrevia sobre a graça da inclusão destas personagens. Mateus também era um excluído!

Quando o discurso toma este rumo e parte para este tipo de abordagem que se centra nos conceitos de inclusão e exclusão, foca palavras que não têm sentido dentro do plano original de Deus. Exclusão só começou a partir da queda de Lúcifer. Pensando assim, sem excluídos originários, vamos revisar o princípio de tudo, quando Deus criou macho e fêmea. Eva foi criada depois do homem porque sem ela Deus não poderia dizer “isso é muito bom!”, pois ainda faltava algo para o homem, e porque não para a criação toda e para o cumprimento do propósito total de Deus? Sendo assim, ela não foi incluída naquele momento – pois já existia no coração de Deus - e, por este motivo, não haveria possibilidade de que, de alguma forma ou por algum motivo, ela fosse excluída.

Lúcifer tentou no seu coração ser igual a Deus. Ele sim sentiu inveja e, em dado momento, a cobiça gerou a ideia de que ele fora “excluído” de algo melhor (como se Deus tivesse se esquecido de algo ao criá-lo, o que não aconteceu com Adão). Atitude mesquinha que gerou no céu uma série de sentimentos e o mal, antes apenas uma possibilidade, passou a existir real e permanentemente em seu coração. Lúcifer excluiu primeiro e por isso foi excluído.

Esse ex-anjo de luz começou a disseminar a ideia de que o Criador, ao criar seres não iguais a Ele, o fez por ser mal. Esta foi a abordagem da serpente à mulher. A inteligência satânica trazia a questão de que eles também, Adão e Eva, foram excluídos de algo maior que Deus reservara só para si, e que somente conhecendo o bem e o mal os seus olhos seriam abertos. Nada de correr risco de morrer, pois quem falava com Eva experimentou a desobediência e não morreu.

Por este motivo é que entendo que quando Deus criou o mundo o binômio incluir/excluir não fazia sentido. Esta dicotomia foi criada pelo pecado e, portanto, quando a usamos para explicar nosso preconceito eclesial estamos replicando o pecado. Assim, quando se diz que a mulher foi **incluída** na genealogia de Jesus se pressupõe que houve uma **exclusão** anterior. Se a referência é à queda, ambos foram “excluídos”, não apenas a mulher. A narrativa da genealogia é a naturalização da mulher no reino de Deus. O que a cultura omitia Deus não validou. A citação de mulheres seguiu a inspiração de Deus, não a ordem social vigente.

Se a igreja tivesse um olhar não excludente, não orientadas pela inclinação cultural, a abordagem da graça de Deus neste texto seria colocada em ambos os sexos. A genealogia de Jesus está repleta de pecadores que foram agraciados por Deus:

1. Abraão, pai da fé, mentiu sobre sua mulher para escapar de uma suposta ameaça de morte;

2. Seu filho, Isaque, um pai que fazia diferença entre os filhos, e que, assim reproduziu o exemplo de seu pai ao mentir sobre sua esposa, pelo mesmo motivo.
3. Jacó, que se tornaria o valente Israel que lutou com Deus, foi sempre negociador fraudulento e morria de medo de seu irmão Esaú.
4. Judá, o quarto filho de Jacó, de quem viria a linhagem de Jesus, foi o que convenceu os irmãos a vender José como escravo. Casou-se com uma Cananéia, enganou Tamar e fez com que ela se valesse de uma artimanha que resultou na fama de adúltera para garantir a descendência de seu finado esposo.
5. Davi, o homem segundo o coração de Deus, foi arquiteto da morte de seu fiel Urias para tomar-lhe a esposa com a qual havia adulterado. Um pai omissivo, de filhos perversos, violentos e rebeldes como Amnon e Absalão.
6. E Salomão, o sábio, que casou-se com inúmeras mulheres estrangeiras que adoravam outros deuses.

Homens de Deus, mas que obtiveram assim como as mulheres, a graça de Deus de serem participantes da genealogia de Jesus apesar de suas falhas. “Todos (as) pecaram...” (Rm 3:23).

A discussão sobre o feminino sob este olhar do sagrado traz a nós, mulheres, um alento frente a tantas vozes que se levantam carregadas de desconhecimentos. Mas é quando o estudo do sagrado feminino se dirige ao cristianismo que a discussão toma uma dimensão mais profunda... Desenterra uma história silenciosa de injustiças, descasos e exclusões. Assim, ao pensar em arquétipos do feminino sagrado me remeto sempre ao proibido, a uma culpa e a um jugo deixados não pela bíblia, mas pela exegese bíblica viciada em preconceitos e estigmas que perpassam séculos de história e que, apesar da modernidade, mantêm-se engessados e irremovíveis.

O curso me trouxe um novo olhar e um novo sentimento. Eu, leitora assídua da Bíblia, sempre procurei nela a resposta para nós mulheres. As histórias de Jesus e seus tratos com o sexo feminino sempre me fascinaram. Não era um tratamento diferente ou tolerante, era apenas o tratamento justo, típico do Éden.

Na trajetória do curso algo que me chamou a atenção foi a maneira como se abordou a divindade feminina. O corpo feminino esculpido era visto apenas como uma deformante idolatria, realçante da sensualidade voltada para o erro. Jamais as vi como símbolo da fertilidade, da vida, das estações que renovavam a terra. Falo isso porque a forma como aprendi a ver o ídolo tem sempre o foco na conotação ruim, diabólica e remetente ao pecado.

Assim, ao ver tantas imagens de corpos femininos com destaques em vulvas e seios, como meros ídolos me vinham à mente a ideia da mulher como objeto de desejo orgiástico e enveredamento satânico. Das inúmeras reflexões que já ouvi em minha vida acerca da idolatria, do paganismo e das divindades femininas não posso lembrar nenhuma em que, ao falar sobre mulheres, houve tanto respeito e nobreza como o que ouvi neste curso. “Se os olhos forem maus... tudo o que se vê serão trevas”. O modo como se olha a mulher, mesmo o ídolo, mostra muito do observador.

Portanto, este modo de olhar para nossa história feminina enriqueceu minha exegese bíblica. Para mim, o sagrado ligado à mulher era, até então, relacionado à Maria, apesar de lembrada apenas no natal pelos protestantes. O combate à idolatria mariana nos faz ser tímidos quanto ao elogiá-la.

Ao ler a bíblia tentando achar em Jesus um homem que olhava para as mulheres eu simplesmente replicava o meu próprio preconceito sobre minha condição feminina. Jesus, em todos os momentos, estava refletindo a nossa imagem. O problema estava na minha percepção exegeticamente construída pela teologia patriarcal que naturaliza a inferioridade e indignidade feminina.

A relevância do que aprendi se faz presente inclusive nas mudanças que fiz no meu texto original, o primeiro cheio de desculpas e procurando uma verdade que justificasse a mulher, já neste, expressei o entendimento do lugar feminino na história, ora como diva, ora como mãe gentil, poderosa e até divina. Pensar que a mulher também reflete a imagem e o feminino de Deus me lembra da expressão finalística da criação: Isso é muito bom!